

Salomão Rovedo

Stefan Zweig - A vida em xeque



Stefan Zweig

Muito antes de me interessar por xadrez de competição, isto é, antes de pensar em jogar xadrez, já tinha lido a novela “A partida de xadrez” (Schachnovelle), de Stefan Zweig. Também nesse tempo tinha assistido a um filme no qual um prisioneiro fabrica peças de xadrez a partir do miolo do pão, como o personagem de Zweig: “***Com pequenos pedaços de miolo que eu guardava do pão, comecei a modelar as peças de xadrez, rei, dama e assim por diante***”. Mas não tenho certeza se o filme foi baseado no livro.

Só sei que no filme que assisti o tabuleiro era formado pelo diagrama que o sol projetava da grade da janela da cela em que estava aprisionado, desenhando-o no chão em breve lapso de tempo. Quer dizer: o tabuleiro tinha vida útil, prazo para iniciar e para desaparecer. No conto de Zweig o personagem usava como tabuleiro um lençol axadrezado para reproduzir as partidas: “***Como uma revelação dos céus, dei-me conta de que meu lençol por acaso era quadriculado. Dobrado de maneira correta, era possível arrumá-lo para formar 64 casas***”.

O escritor austríaco Stefan Zweig (Viena 1881-Petrópolis 1942), tem muito a ver com o Brasil, principalmente nas últimas décadas de vida . Pacifista assumido desde a I Guerra Mundial, se juntou ao amigo e escritor francês Romain Rolland, tomando a iniciativa de liderar movimentos contra o conflito.

Anos depois, sentido-se impotente e sofrendo os mesmos danos éticos e morais com a eclosão da II Guerra, Zweig recebeu um convite para residir no Brasil, terra que já havia visitado anteriormente fazendo conferências. Foi morar em Petrópolis com a esposa, a ex-secretária inseparável Lotte. Ali encontrou a paz e a tranquilidade que inspirariam uma obra brasileira: ***Brasil, país do futuro***.

Biógrafo por excelência, Stefan Zweig – além de escrever poesias, romances, novelas e artigos – ademais de traduzir franceses, norte-americanos e toda a obra poética do belga Emile Verhaeren (primeira influência e amizade), diversificou o foco de seu trabalho para divulgar as facetas de personagens célebres.

A safra de biografias e perfis de personalidades históricas cresceu e se tornou famosa: Maria Antonieta, Joseph Fouché, Maria Stuart, Giacomo Casanova, Henri-Marie Beyle Stendhal, Leon Tolstoi, Honoré de Balzac, Charles Dickens, Fiodor Dostoievski, Friedrich Hölderlin, Heinrich von Kleist, Friedrich Nietzsche, Ítalo Calvino, Fernão de Magalhães, Mesmer, Mary Baker Eddy, Sigmund Freud, Vladimir Lênin, Woodrow Wilson, Grouchy, Walter Scott, Vasco Nuñez de Balboa, Marcus Túlio Cícero, John Sutter, George Friedrich Haendel, Erasmo de Rotterdam, Américo Vespúcio.

Esse abrangente leque de personalidades pesquisadas, biografadas e analisadas nas obras assinadas por Stefan Zweig, assinala como ele era moderno no seu tempo, um autor “sensível a todas as manifestações da cultura”. Também era tema de seus escritos os muitos locais que visitou e morou, seja como turista ou como convidado a palestras e lançamento de suas obras. Mas Zweig gostava mesmo era de visitar aqueles que seriam referência em sua vida literária e cultural. Foi assim desde o começo quando, na juventude, começou o périplo de peregrinação para encontrar seu ídolo, o poeta Emile Verhaeren, na Bélgica.

Escreveu o romance ***Coração Inquieto***, o drama ***Jeremias***, livros de viagens e memórias. Para escrever ***Brasil, país do futuro***, Zweig viajou por pelo interior do país, naquilo que era possível na época. As memórias e registro de viagens estão nos dois volumes ***O mundo que eu vi*** e ***Encontro com homens, livros e países***. No teatro, na novela e no conto Stefan Zweig produziu uma obra consistente, de grande conteúdo dramático, adquirindo

fama e popularidade. Um escritor prolífico, enfim, que se dedicou, “***em seus romances e novelas, a explorar as profundezas da consciência***” – herança que Freud deixou para as artes em geral.

Em 1942, novo desespero moral o abate. Ao ver a proporção nefasta da guerra, sob a ótica pacifista de quem viveu conflito igual, multiplicado pelo horror das armas modernas, e a perseguição a que estava submetido o povo judeu, levou o casal Zweig ao suicídio. No entanto, a trágica decisão guarda nuance de mistério. Já apegado ao país que escolheu para viver, para ele não passou despercebido o rumo político ambíguo do governo Vargas. Assistiu com tristeza algumas medidas simpáticas ao Führer, a deportação moralmente injustificável de Olga Benário, a indecisão de proclamar-se contra o conflito. Todos esses fatos vieram abalar as convicções do casal.

Stefan Zweig, além de jogar gamão e dama, era também um xadrezista aficionado. Desde jovem se acostumou ao segredo das peças e do tabuleiro. Porém, somente na maturidade viria o xadrez inspirar a criação de uma novela, no estilo dramático e psicológico característico de suas produções, ***A partida de xadrez*** (Schachnovelle). O conto, base deste trabalho, foi publicado no Brasil em 1942 no volume ***As três paixões***, que aqui tentarei resumir de memória.

O advogado Dr. B, membro de ***uma das famílias mais conceituadas da Áustria***, é feito prisioneiro pelos nazistas da Sturm Staffel, a famigerada SS. Mas em vez de ter sido enviado ao campo de concentração, ***para onde foram levados todos os que se mantiveram fiéis a nossa velha Áustria***, foi colocado numa cela especial. Os nazistas, sabendo que o seu escritório de advocacia representava famílias e grupos religiosos de grande fortuna, esperavam arrancar dele as informações necessárias para a posse dos tesouros.

Foi assim que o drama psicológico do prisioneiro começou, isolado sozinho e em silêncio numa cela desprovida de qualquer indicativo sobre tempo, data, hora. Acompanhava-o apenas uma mesa, uma cama, uma cadeira, os objetos necessários às necessidades higiênicas e fisiológicas. Nada mais. Esse isolamento era interrompido inesperadamente, a qualquer momento e hora, quando ele era levado a um interrogatório em que se revezavam várias pessoas. Tal atitude, como é sabido, visava derrotá-lo através do cansaço,

quebrar a resistência nacionalista com a humilhação e o terror (também aqui – tortura psicológica – é puro Freud).

Quando estava na última fronteira da resistência física e moral, prestes a se entregar, resolvido a dar todas as informações que guardava como profissional, eis que surge a oportunidade de surrupiar um livro. Sabendo que a leitura traria mais algum tempo de resistência, roubou o livro e levou-o à cela. Qual não foi sua surpresa e até decepção ao ver que se tratava de um livro de xadrez. Não obstante a decepção inicial, ele resolveu aproveitar a oportunidade de fazer o cérebro trabalhar em outra direção. Inventou um tabuleiro na própria colcha axadrezada, montou as peças com massa de pão.

Logo ele estava envolvido em reproduzir as 150 partidas que o livro continha e nomes como Alekhine, Lasker, Bogoljubov, Tartakower, passaram a ser compartilhados. O drama, porém, é que tudo chega a um limite e onde se alcança a exaustão, tudo se exaure e se torna monótono, preocupante, quando chega a loucura da repetição. Esgotada a repetição das 150 partidas, o cérebro reproduz tudo de modo mecânico, a cabeça começa a agir descontrolada, a mente se confunde, advém a insanidade. Considerado louco, o advogado é libertado, mas obrigado a deixar o país.

No navio que é embarcado, com destino à América do Sul, encontra um grupo de pessoas jogando uma partida-desafio contra o Mestre Internacional Czentovic. Fica assistindo a partida, mas de repente surge no tabuleiro uma posição conhecida. O grupo resolve jogar um lance perdedor, mas antes de pegar na peça Dr. B se intromete, menciona as razões para não executá-lo. Os jogadores aceitam. Corrigido o lance, o jogo termina empate, como na partida original.

A novela se encerra com uma nova partida, desta vez entre Czentovic e o Dr. B mano a mano. Durante o jogo advém ao advogado uma recidiva do antigo transtorno, no conto classificado de “**febre do xadrez**”: outra vez as 150 partidas, que o salvaram da loucura, começam a dançar em sua mente. Os lances saem aleatórios, incompreensíveis, as palavras incongruentes, todo esse coquetel o leva a abandonar o tabuleiro. Esqueceu-se que havia prometido nunca mais jogar uma partida de xadrez, recomendação expressa dos médicos e psiquiatras que o haviam tratado, sob pena de retornar a loucura causada pela **síndrome do xadrez**, cujas raízes estão no próprio personagem:

“Depois de seis dias, eu já jogava a partida sem falhas até o final; depois de mais oito dias, já não precisava mais dos pedaços de miolo sobre o lençol para compreender a posição tirada do livro de xadrez, e depois de mais oito dias também o lençol quadriculado se tornara dispensável; de maneira automática, os signos inicialmente abstratos do livro, al, a2, c7, c8, convertiam-se, na minha cabeça, em posições visuais definidas”.

O interessante é que Stefan Zweig não encontra explicação clara para a loucura advinda da reprodução contínua de tantas partidas, em situação extrema. Mas conclui que a *doença “era uma forma absolutamente patológica de superexcitação psíquica”*, a que denominou *intoxicação por xadrez*, síndrome que acomete os viciados que não pensam noutra coisa na vida além do xadrez. Na verdade é tudo especulação à luz das teorias de Freud, de quem Zweig era admirador, amigo... e às vezes paciente. E pensar que convivemos diariamente com tantos doentes contaminados pela *intoxicação por xadrez...*

A raiz desse conto remonta ao ano de 1936, quando um grupo de escritores e artistas internacionais foi convidado pelo Pen Club Internacional para participar de magno evento na Argentina – os 400 anos da primeira fundação de Buenos Aires, na localidade de Escobar, a 50 quilômetro da atual cidade.

Quando, em 1536, Pedro de Mendoza fundou o Porto de Santa Maria de Buenos Aires, não imaginaria que em menos de um ano a vila se tornaria uma cidade fantasma, seria incendiada, destruída e totalmente abandonada, devido a várias epidemias, a escassez de alimentos e a fragilidade das linhas de defesa. No entanto a data se fixou na história e continua sendo comemorada, cantada nos versos de Jorge Luis Borges, como a primeira fundação de Buenos Aires.

O governo argentino, sob a presidência de Augustín Justo, por conta das festividades em 1936, vê a Capital com a agenda repleta de eventos locais e internacionais. Representantes e Diplomatas de vários países do mundo compareceram a Buenos Aires para organizar a “Conferência Especial para a Manutenção da Paz” (a ser realizada em dezembro), convocada pelos USA para analisar as consequências das invasões da Etiópia pela Itália e da China

pelo Japão. Artistas, Orquestras Sinfônicas e Grupos de Ópera e Teatro acorreram de todo o mundo para suprir a cidade de eventos.

Buenos Aires era a Europa na América Latina! Não obstante, acabava de tomar posse na administração provincial (Municipalidad de Buenos Aires) o deputado Manuel Fresco, que viria a ser considerado um dos mais polêmicos e corruptos governos da capital argentina. A imprensa local noticiava alguns momentos importantes desse agitado ano:

“Buenos Aires vive un clima de fiesta, al celebrarse el IV Centenario de la fundación, por Pedro de Mendoza, del pueblo y puerto de Nuestra Señora del Buen Ayre en 1536. En 1541 es dada la orden de despoblación del caserío y en 1580 Juan de Garay funda la ciudad de la Santísima Trinidad y puerto de Santa María de los Buenos Aires. Se establecen a partir de ese momento algunos nombres de lugares de la campaña próxima”.

‘Se inaugura la ampliación de la calle Corrientes y un discutido monumento que, con el tiempo, se convertirá en el símbolo de la ciudad: el Obelisco. Esta obra del arquitecto Alberto Prebisch despierta enconadas polémicas pero finalmente es aceptada por los porteños”.

“En tanto, el maestro Igor Stravisky dirige en el Teatro Colón y se realiza el congreso del PEN Internacional, al que asisten entre otros destacados autores, el alemán Stefan Zweig quien, en un emotivo discurso denuncia las persecuciones que sufren los judíos en la Alemania gobernada por los nazis”.

“Carlos Saavedra Lamas, ministro de Relaciones Exteriores, es honrado con el Premio Nobel de la Paz por sus gestiones para poner fin a la Guerra del Gran Chaco. Es la primera vez que un argentino logra esa alta distinción internacional”.

“Estalla una huelga general en apoyo de los trabajadores de la construcción, en paro desde hace tres meses. La nueva conducción de la CGT impulsa el movimiento masivo, el primero en mucho tiempo. En todos los barrios se forman piquetes, impiden circular a los colectivos, convencen a quienes quieren trabajar y desafían a la Policía. Durante el motin central, en Plaza Once, hay represión, muertos, heridos y detenidos: 600 según la Policía, 2000 según La Vanguardia”.

“El dolor popular acompaña al entierro de los restos de Carlos Gardel, que fueron velados en el Luna Park y llevados al cementerio de la Chacarita. Su entierro provoca la manifestación popular más grande desde la que acompañó al cadáver de Hipólito Yrigoyen en 1933”.

“En los Juegos Olímpicos realizados en Berlín, la Argentina conquista dos medallas de oro. Las consiguen el Equipo de Polo y Oscar Casanova, que se consagra en el boxeo. Jeannette Campbell obtiene la medalla de plata en natación”.

Em paralelo ocorriam muitos outros eventos: foi realizado o I Gran Premio Ciudad de Buenos Aires, corrida automobilística que foi dominada pelos pilotos argentinos Carlos Arzani (Alfa Romeo), Carlos Zatuszek e Luis

Brosutti (Mercedes-Benz), chegando o brasileiro Manuel de Teffé (o famoso Barão de Teffé) em 4º lugar, pilotando um Alfa Romeo.

No âmbito das artes plásticas, foi inaugurado o Salão de Pintura e Escultura de Buenos Aires de 1936, no qual a brasileira Olga Maria Pedrosa ganhou Medalha de Ouro.

O diplomata, escritor, político e advogado argentino Carlos Saavedra Lamas foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz – 1936. Saavedra presidiu a “Conferência de Paz do Chaco”, com a presença de diplomatas do Brasil, Chile, Peru, Uruguai e USA, que celebrou o fim da Guerra do Chaco (1932-1935).

Foi construído e inaugurado o mais famoso monumento, símbolo da cidade – o Obelisco de Buenos Aires. Projetado pelo arquiteto Alberto Prebish, está erguido na Praça da República, no cruzamento das Avenidas Corrientes e Nueve de Julho, o marco também faz parte das comemorações do quarto centenário da primeira fundação de Buenos Aires.

Foi realizada no Teatro Colón a mais célebre performance e gravação da ópera *Der Rosenkavalier* (O Cavaleiro da Rosa), na presença de Richard Strauss, com a Orquestra e Coro do Teatro Colón, dirigidos pelo maestro Fritz Bush. Nessa apresentação, participou o tenor brasileiro Luis Santoro, no papel do Mordomo do rico burguês Herr Farnal. Devido à excelente acústica do Teatro Colón esta é considerada até hoje a melhor gravação da ópera de Richard Strauss, com quem Stefan Zweig colaborou escrevendo vários libretos para óperas.

Igor Stravinski em primeira viagem à América Latina, regia suas obras no Teatro Colón, sempre tendo como co-participante a escritora e artista Victoria Ocampo. Entre as obras constavam do programa o Concerto para Piano e Orquestra, a Sinfonia dos Salmos e o balé *Perséphone*, cujo texto era declamado pela própria Victoria Ocampo.

Foi, enfim, um ano de festas em Buenos Aires. A capital argentina era então a metrópole do mundo. Entre tantos eventos estava programado o 14º Congresso do Pen Club International, do qual Stefan Zweig era parte. Esse evento proporcionou ao escritor austríaco a primeira visita ao Brasil,

aproveitando as escalas de retorno que o transatlântico faria. Foi assim que o Brasil passou a ser um grande leitor de Stefan Zweig, me dando a oportunidade de conhecer Schachnovelle, ou A partida de Xadrez, uma trama psicológica que colocou o xadrez no centro da dramática situação que adviria com o nazismo.

O Congresso do PEN Club foi um fervoroso acúmulo de debates, nos quais participaram – além de Stefan Zweig – escritores como o romancista Jules Romains, o biógrafo Emil Ludwig, o futurista Tommaso Marinetti, o poeta Giuseppe Ungaretti, com a participação intensa dos escritores e poetas locais Victoria Ocampo, Arturo Capdevila, Manuel Galvez, Jorge Luis Borges, Eduardo Mallea, entre outros.

As festividades encerraram-se em grande estilo com a realização em dezembro da ***Conferencia Interamericana de Consolidación de la Paz***, reunião organizada, como se disse, pelos USA sob a tutela de Franklin Roosevelt (que se tornou figura popular em Buenos Aires), junto aos Estados membros da Unión Panamericana, dentro da estratégia de associar a América Latina a um bloco unido para enfrentar o conflito que se aproximava – a II Guerra.

Voltando à Schachnovelle, a partida que serviu para ilustrar a trama psicológica está citada, mas não é reproduzida na novela, mas Zweig deixou uma pista: Alekhine-Bogoljubov, 1922. Vitimado pela ***febre do xadrez***, curioso e viciado em pesquisa, fiquei cismado. Resolvi seguir as indicações do escritor para ver qual a partida-modelo utilizada por Zweig, desde logo sabendo que um escritor cuidadoso, da sua estirpe, jamais escreveria um texto à galega.

Lembrem que era um tempo sem internet, mas o CXG tinha uma boa biblioteca, o Félix Sonnenfeld e o Claude Fisch, ambos de excelente memória! Pesquisando as partidas do ano de 1922, reduzidas entre os encontros Alekhine-Bogoljubov (nessa ordem), descobrimos todo o registro não só da partida, como também o quadro do torneio onde ela foi jogada. Claude Fisch completou a informação enviando-me a partida comentada, extraída de uma publicação argentina.

E por fim pude determinar o lance chave de toda a trama, que levou o Dr. B a se intrometer numa partida jogada por pessoas que jamais vira na vida e sustar o lance que os levaria à derrota: “Não! Por amor de Deus não faça esse lance!” – gritou ele, interrompendo a partida. Foi assim que tudo aconteceu...

Alexander Alekhine-Efim Bogoljubov
Bad Piešťany 1922
Ruy López, Var. Cerrada (Ataque Morphy) C78

1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 a6 4.Ba4 Cf6 5.O-O Be7 6.Cc3 b5 7.Bb3 d6 8.a4 b4
9.Cd5 Ca5 10.Ba2 Cxd5 11.Bxd5 c6 12.Ba2 c5 13.c3 Tb8 14.Bd5 O-O 15.d4
exd4 16.cxd4 c4 17.Be3 Be6 18.Bxe6 fxe6 19.d5 e5 20.Tc1 Dd7 21.Cg5 Bxg5
22.Bxg5 Tbc8 23.De2 h6 24.Bh4 Tf7 25.Bg3 Dxa4 26.f4 exf4 27.Bxf4 Db5
28.Bxh6 c3 29.Dg4 Dd7 30.Dxd7 Txd7 31.bxc3 bxc3 32.Bd2 Tdc7 33.Bf4
Cb3 34.Bxd6 Tf7 35.Txf7 Cxc1 36.Tf1 Cd3 37.Ba3 c2 38.d6 Rh7 39.h4 Tc4
40.e5 Cxe5 41.Bb2 Tc8 42.Tc1 Cd7 43.Rf2 Rg6 44.Re3 Tc6 45.Bd4 Cf6
46.Rd3 Txd6 47.Txc2 ($\frac{1}{2}$ - $\frac{1}{2}$)

No diagrama que vem a seguir as brancas acabam de jogar 38. d6. No texto da novela a situação não é muito diferente:

“Pouco a pouco chegamos ao lance 37 e para a nossa surpresa surgiu uma situação que parecia incrivelmente vantajosa, pois havíamos conseguido avançar o peão da coluna ‘c’ até a penúltima casa, ‘c2’. Precisávamos apenas avançá-lo até ‘c1’ para coroar outra Dama”.

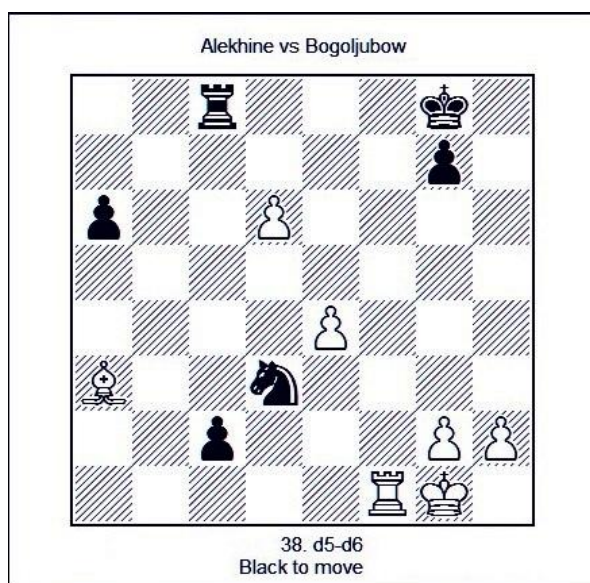
“Porém, não estávamos nos sentindo confortáveis diante dessa oportunidade tão evidente: todos nós suspeitávamos de que esse ganho aparentemente conquistado por nós poderia ser um estratagema de Czentovic, que tinha uma visão muito mais ampla da situação, com o objetivo de servir de isca”.

“Mas, apesar dos esforços conjuntos, não fomos capazes de perceber a armadilha. Por fim, quase no limite do tempo para fazer a jogada, decidimos arriscar o lance. McConnor já tocava o peão para avançá-lo à última fileira quando sentiu seu braço ser segurado, e alguém sussurrou, em voz baixa, mas com veemência”:

“– Pelo amor de Deus! Não!”

“Neste momento os contendores deixaram de fazer o lance para olhar admirados quem seria aquele que interrompera a partida. “Ele logo procuraria justificar a intrusão”.

Alexander Alekhine ½-½ Efim Bogoljubov
Bad Pieštany 1922-Round 15
Spanish Closed. Morphy Attack (C78)



38 ... c1 = D?

“Se os senhores fizerem a Dama agora, ele vai capturar com o Bispo – que as pretas tomarão com o Cavalo. Então ele avançará o peão passado para d7, ameaçando a torre, e mesmo que os senhores deem xeque com o cavalo vão perder – em nove ou dez lances estarão derrotados. É quase a mesma combinação que Alekhine tentou contra Bogoljubov em 1922 em Pieštany”.

E assim pela primeira vez, ante a admiração de seu categorizado oponente, o grupo de amadores conseguiu o fabuloso feito de empatar uma partida de xadrez com o GM Czentovic.

Não foi ao acaso que Stefan Zweig escolheu uma magnífica partida de xadrez, em que a batalha se desenvolve no campo intelectual e as vantagens oferecidas a ambos os lados surgem e desaparecem a cada lance, em ataque, contra-ataque e defesa. Um espetáculo, uma luta titânica de dois gênios do

xadrez que iniciariam, no longínquo 1922, a travessia do jogo romântico para o hipermodernismo de Richard Reti, Gyula Breyer e Aaron Nimzovich.

A própria história do Torneio de Bad Piešťany 1922, traz embutida uma tragédia, como se fosse uma obra shakespeariana. Em sua primeira versão, em 1912, o jovem de 18 anos Gyula Breyer lançou-se a nível internacional, começando a fazer parte do círculo emblemático dos grandes mestres do xadrez. Ele mesmo foi o principal organizador do evento, aglutinador de grandes nomes do xadrez, auxiliado pela amizade que o unia a Richard Reti. Breyer e Reti já trilhavam os caminhos do hipermodernismo, escola que viria transportar o xadrez para novas direções.

O seu trabalho na organização do torneio foi tão bem realizado que ao término, devido ao grande sucesso alcançado, já estava se programando a segunda versão, provavelmente para o ano de 1913 ou 1914. Então sobreveio a I Guerra Mundial, tragédia que mudou o mapa da Europa e durou até fins de 1918, trazendo a fome, a dispersão, o desmoronamento das instituições mais celulares, a cidade, a vila, o lar, a própria família – tudo aquilo que as guerras derrotam.

Superado esse entrave, mal as coisas principiaram a entrar nos eixos, o ânimo de Gyula Breyer, cuja vida passou por muitos atropelos devido ao conflito mundial, como que renasce das cinzas. Logo recompôs os contatos, mexeu com os dirigentes, os clubes e em novembro de 1921 já estava tudo arranjado com a Direção da Estação de Saúde de Bad Piešťany (cidade da Eslováquia famosa pelo Spa de águas térmicas, dedicado ao tratamento de doenças reumáticas) e, pronto, estava programado o II Torneio Internacional, que seria realizado de 7 a 29 abril de 1922.

Novembro de 1921, porém, guardava ainda outra tragédia: vitimado por um ataque cardíaco, morre Gyula Breyer – Campeão Húngaro de Xadrez – muito jovem, com apenas 28 anos. A comoção foi geral, mas o torneio foi mantido e, como homenagem, ganhou o título de Memorial Gyula Breyer.

Todo esse emaranhado de tragédias era um prato cheio para escritores, roteiristas, romancistas – mas a ideia caiu nos braços de Stefan Zweig, ele mesmo um poço de tragédias! Por isso ninguém deve se admirar que surgisse mais um fantasma: note-se que Stefan Zweig, para ilustrar com todas as cores

o drama psicológico ocasionado pela tortura mental, selecionou uma partida vigorosa, disputada detalhe a detalhe, peça por peça, até chegar a um final simplificado de Torres Cavalo e Bispo, porém sem vencedores!

E também a continuação – se houvesse – não ofereceria a paz duradoura. A nenhum dos adversários era dado o direito de errar, sob a pena de sofrer uma categórica derrota. É o acordo de paz ou nada. Nessa partida, como nas guerras, não há vencedores...

Rio de Janeiro, Cachambi, 27 de maio de 2015.

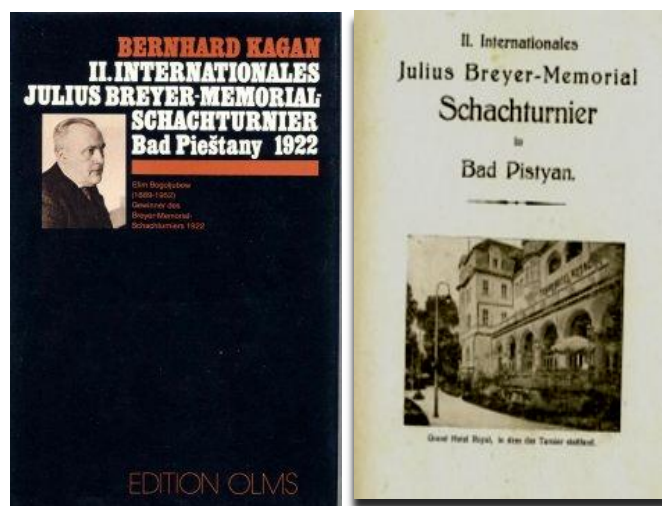
Torneio Internacional Pieštany 1922 – Resultado

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
1	 Bogoljubow, Efim	*	½	½	1	½	1	1	0	1	1	1	1	1	½	1	1	1	1	1	15,0/18
2	 Spielmann, Rudolf	½	*	½	1	½	½	1	1	½	1	1	1	1	½	1	½	1	1	1	14,5/18
3	 Alekhine, Alexander	½	½	*	1	½	1	1	0	1	½	1	½	1	1	1	1	1	1	1	14,5/18
4	 Gruenfeld, Ernst	0	0	0	*	0	½	1	1	½	1	½	1	1	1	½	1	½	½	1	11,0/18
5	 Reiz, Richard	½	½	½	1	*	½	0	½	1	0	1	0	0	1	1	½	1	½	1	10,5/18
6	 Saemisch, Fritz	0	½	0	½	½	*	½	½	½	1	0	1	½	½	1	1	1	0	½	9,5/18
7	 Wolf, Heinrich	0	0	0	0	1	½	*	0	½	½	½	1	1	½	½	1	1	½	1	9,5/18
8	 Tartakover, Saviely	1	0	1	0	½	½	1	*	0	½	0	0	½	1	½	1	1	0	½	9,0/18
9	 Tarrasch, Sieghert	0	½	0	½	0	½	½	1	*	0	1	1	½	1	0	0	½	½	1	8,5/18
10	 Brue, Max	0	0	½	0	1	0	½	½	1	*	½	½	0	½	½	1	½	1	½	8,5/18
11	 Johner, Paul F	0	0	0	½	0	1	½	1	0	½	*	1	1	½	0	1	0	½	1	8,5/18
12	 Balla, Zoltan	0	0	½	0	1	0	0	1	0	½	0	*	½	½	½	1	½	1	1	8,0/18
13	 Treybal, Karel	0	0	0	0	1	½	0	½	½	1	0	½	*	½	½	½	½	1	1	8,0/18
14	 Selezniev, Alexey Sergeevich	½	½	0	0	0	½	½	0	0	½	½	½	½	*	½	½	½	1	½	7,0/18
15	 Hromadka, Karel	0	0	0	½	0	0	½	½	1	½	1	½	½	½	*	0	½	1	0	7,0/18
16	 Brokes, Ladislav	0	½	0	0	½	0	0	0	1	0	0	0	½	½	1	*	½	1	½	6,0/18
17	 Brzopicka, David	0	0	0	½	0	0	0	0	½	½	1	½	½	½	½	½	*	½	½	6,0/18
18	 Marco, Georg	0	0	0	½	½	1	½	1	½	0	½	0	0	0	0	0	½	*	½	5,5/18
19	 Opocensky, Karel	0	0	0	0	0	½	0	½	0	½	0	0	0	½	1	½	½	½	*	4,5/18

Símbolo da cidade de Pieštany:
o paciente quebra as muletas



Livros do Torneio



Alekhine vs. Bogoljubov



Gyula Breyer

